



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A intencionalidade de séries causais infinitas é vazia e vã?
Autor	HENRIQUE CASSOL LEAL
Orientador	ALFREDO CARLOS STORCK

A intencionalidade de séries causais infinitas é vazia e vã?

Tanto ao falar sobre os atos humanos na primeira parte da segunda parte da Suma de Teologia [ST], quanto ao argumentar pela existência de Deus logo no início dessa mesma obra, quanto no início de seu Comentário à Ética a Nicômaco (e ainda outros locais não citados aqui), Tomás de Aquino utiliza argumentos que recorrem à noção de *séries causais*. Esse recurso é também utilizado por Aristóteles, mas esse pensador meramente aponta que se algo é sempre escolhido por outro, então o processo vai ao infinito, o que é o mesmo que dizer que o desejo é vazio e vão. Tomás, por sua vez, parece explicitar melhor a argumentação nas passagens acima indicadas.

Em ST I-II, 1, 4, Tomás demonstra suas noções de séries causais para poder argumentar pela existência de um fim último para a vida humana. Ele distingue dois tipos diferentes de séries: as essenciais e as acidentais. *Séries essenciais* são aquelas em que cada elemento da série só pode existir juntamente com todos os outros membros da série e ao mesmo tempo em que um causa o outro. Nesse tipo de série, o efeito é simultâneo às suas causas. Por exemplo, as engrenagens de um relógio são todas necessárias para o funcionamento correto dele e caso qualquer uma deixe de exercer sua função ou de existir, o efeito – o funcionamento do relógio – deixará de ocorrer. Já *as séries acidentais* são aquelas em que um elemento que causa outro pode deixar de existir e, mesmo assim, a conexão causal persiste. Por exemplo, a existência simultânea do bisavô e do bisneto não é exigida para que se possa falar em relação de descendência. A morte do bisavô pode ter ocorrido antes do nascimento do bisneto e ainda assim pode-se dizer que a descendência é um tipo de relação causal.

Fins vistos segundo a ordem da intenção precisam ter um princípio final para mover a vontade, já fins vistos segundo a ordem da execução necessitam de um primeiro princípio para a operação iniciar. Assim, prima facie, os seres humanos teriam um fim último, pois a vontade funcionaria como um relógio, com uma *série causal essencial*, dado existir limite no início e no fim da cadeia causal. Entretanto, sabemos que a vontade é também dotada da capacidade reflexiva de desejar-se a si mesma. Isto é, podemos tanto simplesmente dizer que “quando queremos, queremos uma coisa”, quanto “podemos querer querer uma coisa” e assim por diante – sem limite final. E nesse caso, a vontade funcionaria como as relações causais entre gerações, como uma *série acidental*. Caso a vontade humana funcionasse como uma série acidental e, portanto, *infinita*, não haveria fim último da vida humana.

Quanto a metodologia, pretendo reconstruir o argumento de Tomás em favor da existência de um fim último a partir da noção de séries causais, compará-lo com o argumento de Aristóteles citado de início e com outros trechos de Tomás em que ele usa a mesma noção. O meu objetivo final será, portanto, a clarificação conceitual do argumento de Tomás de Aquino.